

"LIBERDADE PELA ESCRITA" E OUTRAS PRÁTICAS DE LEITURA

Neiva Maria Tebaldi Gomes¹

Desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se opor conjuntamente a ele, uma experiência humana se instaura de novo e se revela o instrumento lingüístico que a funda².

Resumo: Este artigo tece considerações sobre experiências resultantes de práticas de leitura e de escrita desenvolvidas com detentas de um presídio feminino e com outros grupos, por razões diversas, afastados do ensino escolar. Enfoca a relação existente entre processos de produção de sentidos e modos de constituição dos sujeitos leitores e/ou produtores de textos. Discute o papel da leitura e da escrita nos processos de inclusão social e de ressignificação da experiência. Sustentam o trabalho concepções que encontram abrigo na lingüística da enunciação, proveniente de Bakhtin, mas outras perspectivas, como as de Bazerman, Walter Benjamim e Jorge Larrosa, são invocadas para a compreensão da linguagem que materializa em textos a experiência humana.

Palavras-chave: práticas de leitura, produção de sentidos, ressignificação da experiência, inclusão social.

Compreender o gesto enunciativo e refletir sobre a experiência humana que se produz na interação verbal é tarefa essencial de lingüistas que voltam seu olhar para a enunciação, mas é também uma necessidade de todos aqueles que se envolvem com processos que põem sujeitos em confronto com a linguagem nas práticas de produção de leitura e de escrita. *Eu não sou presa, estou presa, sou um poeta enclausurado. No momento em que estamos aqui, não estamos presas, estamos livres para falar e expressar nossos sentimentos.* Esses escritos produzidos por detentas de um presídio feminino, durante um encontro de leitura, inspiraram a denominação do projeto *Liberdade pela Escrita*³ – vencedor da primeira edição do concurso *Vivaleitura*⁴ –, mas, antes disso, são enunciados reveladores da autoria que procede do exercício da linguagem e da reflexão sobre a própria experiência.

¹ Professora dos Cursos de Graduação e Pós-graduação do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter –, Dr. em Teorias do Texto e do Discurso pela UFRGS.

² BENVENISTE, 1989, p. 69.

³ Projeto de extensão universitária desenvolvido no Presídio Feminino Madre Pelettier de Porto Alegre por acadêmicos do Curso de Letras do UniRitter, orientados por um professor responsável pelo projeto. Além dos encontros semanais de leitura e de escrita, outras ações são realizadas na penitenciária com a participação de alunos e professores de outros cursos da instituição. O projeto integra o Programa Institucional de Incentivo à Leitura e à Escrita.

⁴ O Concurso Vivaleitura, criado por Portaria Interministerial n. 214, de 23 de novembro de 2005, é uma iniciativa do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação, cuja coordenação e execução conta com a colaboração da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência

Para refletir sobre o tema, apoiamo-nos, inicialmente, em Larrosa⁵, que observa o significado das expressões empregadas, em outras línguas, para definir a palavra "experiência" e percebe que há, nelas, a idéia de "algo que nos toca", de "algo que nos acontece". Todavia, o sentido e o saber da experiência dependem essencialmente da ação reflexiva sobre aquilo que se *experimenta* e essa prática parece encontrar pouco espaço numa sociedade em que, segundo o autor, tudo nos acontece demasiadamente depressa, tornando a informação imperativa. Nesse contexto, entendemos que as atividades de leitura e de produção de escrita assumem um papel relevante por propiciarem, através da reflexão do outro materializada em textos, a reflexão sobre a própria experiência e sobre a condição humana, ampliando as possibilidades de atribuição de sentido à própria existência. O desenvolvimento de projetos de incentivo à leitura e à escrita em ambientes não formais de educação (presídio feminino, empresa de transporte e outros) tem comprovado essa hipótese.

As práticas de leitura e escrita realizadas nos dois últimos anos⁶, dentro do espaço prisional, têm se voltado ao grupo das detentas que ali vivem com filhos na faixa etária de zero a três anos. Pela leitura, procuramos propiciar-lhes o contato com o mundo externo e com outras realidades, reais ou fictícias, procurando mobilizar o imaginário para suscitar a criação de universos textuais onde o sonho é possível. A produção oral e escrita integram o processo reflexivo e se caracterizam como espaços de liberdade do dizer. Deste modo, pelo menos durante os encontros de leitura, visamos minimizar os efeitos das adversidades próprias de um ambiente de detenção. Percebemos que na interação leitor/texto, leitor/leitor revelam-se potencialidades individuais que, se canalizadas, contribuem para que se estabeleçam relações interpessoais mais sadias, humanas e solidárias. Ao buscar estratégias de desenvolver a leitura como forma de contribuir com o letramento das mães e com a humanização das relações interpessoais, objetivamos também favorecer o desenvolvimento sócio-lingüístico das crianças.

As ênfases e atividades são selecionadas com a participação das presas para que elas possam sentir-se integrantes do projeto e passem a participar mais ativamente. Dois momentos do trabalho revelaram-se particularmente significativos: o envolvimento com a poesia – leitura e produção –, ênfase dada ao projeto durante o ano passado, e a confecção do livro mágico, trabalho recentemente realizado.

O envolvimento com o texto poético talvez se deva ao fato de elas perceberem o gênero⁷ como o mais adequado à expressão da subjetividade, pois percebe-se que a escrita que produzem assume fundamentalmente a função

e a Cultura - OEI. O projeto em questão foi vencedor na categoria 3: Universidades, ONGs e pessoas físicas.

⁵ Larrosa, 2000. Ensaio: *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. p. 19-29.

⁶ O trabalho com a leitura é desenvolvido no presídio, como extensão universitária, desde 1995.

⁷ Empregamos gênero no sentido de Bakhtin (2000: 277-287): formas mais ou menos estáveis da comunicação verbal, criadas e recriadas no curso da história cultural, que respondem às necessidades da interação que se realiza em diferentes esferas da atividade humana.

expressiva da linguagem e revela marcas de sua individualidade. Bakhtin, como grande filósofo da linguagem, ao tratar dos gêneros do discurso reconhece que

[...] nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo [...] ⁸

Não estamos, aqui, trazendo à discussão a questão do estilo, assunto de que trata essa passagem de Bakhtin. Limitamo-nos à percepção da força expressiva da poesia percebida pelas detentas, que as leva a sentir-se *tocadas* e a querer expressar-se nesse gênero. Os textos produzidos por elas sempre revelam sentimentos relacionados à sua condição, seus *aqui* e *agora* do contexto prisional, como no exemplo a seguir, cuja autoria omitimos para preservar a identidade da detenta.

Sinto Falta

*Sinto falta
de andar pelas ruas
nas noites de luas
Sinto falta
de um sorriso inocente
de olhares vivos e vivos para a gente
Sinto falta de janelas abertas
de ver as crianças
sinto falta de tudo
sinto falta de liberdade
sinto falta de ser mãe
mãe de verdade;
Verdade que se esconde
atrás dessas grades
Verdade triste que espera
felicidade
Sinto falta de tudo
Sinto falta de minha liberdade!
Sinto falta de viver!*

Há nessa manifestação uma passagem particularmente significativa, porque parece resultar de uma reflexão sobre a perda da identidade materna, no contexto prisional: *Sinto falta de ser mãe / mãe de verdade*. Perguntamo-nos por que sente falta de ser mãe, se convive durante as vinte e quatro horas do dia com o filho? Talvez porque a experiência esteja mostrando que a construção da identidade materna implica uma atuação que vai muito além do *estar com* ou *cuidar de* um filho. Assim, a escrita revela-se, num primeiro momento, como forma de organização e expressão de reflexões suscitadas pela leitura de textos e pelo diálogo que se

⁸ Bakhtin, 2000: 283.

estabelece a partir dos diferentes sentidos produzidos. Mas cada situação de escrita também constitui-se em ato enunciativo, no qual um sujeito toma a palavra diante de outro, mesmo que o destinatário em determinados momentos possa ser o próprio autor, contribuindo, dessa forma, com a valorização da individualidade e com a recuperação da auto-estima: sou um escritor, um poeta ou simplesmente um indivíduo de linguagem, com liberdade para dizer algo a alguém e ser ouvido. Desse modo, no gesto de assumir a palavra escrita, *uma experiência humana se instaura*, induzindo à reflexão sobre a própria existência e sobre as condições dessa existência.

O processo, todavia, é lento e exige muita persistência de todos os envolvidos para evitar que situações adversas, próprias da rotina e do desânimo prisional, bem como a entrada freqüente de novas presas e a saída de outras, impeçam a continuidade do trabalho. A confecção do livro mágico, que, dependendo apenas do modo como é aberto, pode apresentar-se ora colorido, ora destituído das cores ou, ainda, simplesmente com páginas brancas, foi uma proposta que conseguiu envolver novamente as mãos presas na retomada das atividades após o último recesso escolar dos monitores, período em que as ações extensionistas são suspensas. A história escolhida por elas para o planejamento e montagem do livro foi a dos Três Porquinhos. Como essa etapa do projeto prevê a instrumentalização e o preparo para que possam ler e contar histórias para os próprios filhos, os encontros incluíram oficinas de leitura e contação de histórias, bem como de confecção de materiais normalmente utilizados para atrair a atenção das crianças: fantoches, bonecos, aventais e outros.

A recuperação e a transformação de uma área desativada do presídio, patrocinadas pelo valor em dinheiro recebido pela premiação do projeto no concurso *Vivaleitura*, deverá dar um novo impulso às atividades que passarão a ser realizadas num espaço mais propício. A creche-biblioteca⁹, denominação dada a esse espaço, abrigará as crianças durante o dia, retirando-as das celas, e as mães, durante os encontros de leitura, escrita e contação de histórias. A configuração e a utilização do espaço visam propiciar à criança, desde cedo, estímulos ao letramento.

Outro projeto ligado ao Programa Institucional de Incentivo à Leitura e à Escrita¹⁰ é desenvolvido nas dependências de uma empresa de ônibus que libera do trabalho, durante uma hora semanal, os funcionários que participam das oficinas de leitura. O resultado dessa parceria que, a exemplo da do presídio feminino, vem se

⁹ O projeto arquitetônico está sendo executado, como trabalho voluntário, pelos arquitetos Helena Karpouzas, Humberto Hickel e Luciano Ribeiro do Curso de Arquitetura do UniRitter. As atividades de leitura continuam sendo desenvolvidas por acadêmicas do Curso de Letras, orientadas pela professora responsável. Estagiárias do Curso de Pedagogia passarão a integrar o grupo interdisciplinar, a partir da conclusão da obra, para orientar a implementação de uma rotina de creche.

¹⁰ Trata-se de um dos programas de extensão do Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter. Por sua atuação social, o programa, que inclui os diversos projetos mencionados neste artigo e outros, recebeu o prêmio SINEPE/RS, 2006.

consolidando desde 1995, já rendeu aos participantes duas publicações¹¹: *Minhas idéias* (2000) e *Viajando com a leitura* (2006). São fragmentos de histórias de vida e de trabalho, lembranças, saudade, gratidão e reflexões provocadas pela leitura, que tecem os textos que compõem as coletâneas. O valor literário não é um critério essencial na seleção dos textos a serem publicados, uma vez que todos os participantes que integram o grupo têm produções publicadas, mas uma leitura atenta dos textos produzidos comprova que *o literário e o não-literário, embora expressem diferentes percepções, emergem ambos do social que comporta a experiência humana*¹². Os textos resultam de um processo de escritura e reescritura próprios da aprendizagem e desenvolvimento da escrita, com orientação em relação à forma e às convenções, mas a estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo são sempre preservados. A auto-estima do trabalhador que vai tendo suas histórias e "ensaios" literários documentados é o objetivo principal. Vê-los em postura autoral diante de amigos e familiares numa sessão de autógrafos é, sem dúvida, a comprovação da eficácia da palavra assumida diante do outro, no processo de ressignificação identitária. Com efeito, a leitura em espaços educativos não formais tem se revelado um caminho para o crescimento individual, cognitivo e social.

Entre os textos que exemplificam a produção textual do projeto *Viajando com a leitura*, destacamos *O morro e Sonho gostoso*¹³.

O morro

Moro no morro.
O que tem morar no morro?
Costuma-se dizer:
– Se eu morar no morro? Aí eu morro.
Mas aqueles que falam do morro
São aqueles que não vivem no morro
E não sabem o que há no morro.
Dizem que há drogas no morro.
– Sim! Há drogas no morro.
Dizem que há marginais no morro.
– Sim! Há marginais no morro.
Mas quero dizer algo do morro:
– O morro é alto, o morro é lindo.
– De cima do morro, pode-se ver
Pontos muito bonitos da cidade.
No morro existem escolas,
Existem pessoas
Que são humanas como você
E que vivem
Na batalha do dia-a-dia.

¹¹ As publicações são fruto da parceria estabelecida entre a Empresa de viação Ouro e Prata e o Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter.

¹² Gomes L. da S.; Gomes N. T., p. 20.

¹³ In: Gomes N. T.; Dias P. H. et.al (orgs), p.p. 28 e 46, respectivamente.

*Como gosto do morro!
Se alguém falar mal do morro,
Quase morro, só que de raiva!*

Alexandro da Luz Dornelles
(Auxiliar de mecânico)

Sonho gostoso

*Vejo-te vagando no universo
Igual a uma pluma
Embalada pelo vento.
sinto o teu perfume,
O aroma gostoso
Que deixas pelo ar.
Como é bom sonhar...
Tu és bela e meiga,
Tens o jeito delicado e a pele macia.
Parece que o vento é teu dono...
Viro-me na cama tentando acordar,
Mas não consigo.
Fico a imaginar quem és...
Garota de olhos verdes e de lábios vermelhos,
Com um corpo elegante e tão cheia de pureza.
Quando acordei,
Tive ciúme do vento,
Pois só ele
consequia tocar teu rosto.*

Amaro Luiz de Oliveira
(Lubrificador)

A estrutura composicional, conteúdo temático e estilo dos escritos manifestam uma atividade centrada sobre a vida e a ideologia do cotidiano, revelando que *é através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua*¹⁴. Importa, no entanto, saber que, *uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável*¹⁵.

O "Baú de memórias", como é conhecido o projeto voltado a pessoas de terceira idade, tem se revelado igualmente significativo na tarefa de valorizar a história de cada participante. Mais que leitura e escrita, devido às próprias limitações da idade, neste grupo abrem-se espaços para a oralidade, comentam-se fatos e textos lidos pelo monitor, contam-se histórias retiradas lá do fundo do "baú da memória" de cada um. A sala de aula torna-se espaço de convivência, de diálogo, de socialização de experiências. Há uma identidade cultural: viveram uma época e acontecimentos semelhantes. As lembranças de um têm ressonância nas de outro. A riqueza dos depoimentos ultrapassa, dessa maneira, o valor documental, provando que as histórias, quando socializadas, configuram processos de

¹⁴ Bakhtin, 2000: 282.

¹⁵ Bakhtin, 1999: 118.

construção de sentidos que ajudam viver, porque "quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem lê partilha dessa companhia"¹⁶.

Em qualquer dos grupos em que atuamos, constata-se que a interação promovida pela oportunidade de socializar os sentidos produzidos tanto pela leitura como pela escrita contribui para valorizar os participantes, uma vez que, como interlocutores, passam a assumir um papel ativo. No ato de leitura, o diálogo se estabelece entre leitor e sujeitos textuais bem como entre leitores e mediadores; na produção da escrita, entre o produtor e o interlocutor a que se destina o texto.

O trabalho reflexivo de leitura e de escrita revela-se, deste modo, um instrumento de luta contra a massificação da opinião e a descaracterização das individualidades. A leitura, mais especificamente, potencializa o diálogo, a interação com outras vozes, outras visões de mundo, o confronto, a perturbação e, assim, a ampliação da consciência de si e do outro. *Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo*¹⁷. Essa consciência de mim que desperta envolta na consciência do outro, no dizer de Bakhtin, só mais tarde reduz-se a palavras e a categorias neutras, independentemente da relação do *eu* com o *outro*. Entendemos, ainda, que a leitura, ao colocar em relação um sujeito com outro(s) sujeito(s), recobre, de alguma forma, o vazio de diálogo deixado pela superficialidade das relações sociais do mundo moderno.

A compreensão da *palavra do outro* que, segundo Bakhtin, pode ser entendida como *qualquer palavra de qualquer pessoa, pronunciada ou escrita em minha língua ou em qualquer outra língua*¹⁸, supõe um embate com outra visão de mundo, supõe reação ou assimilação das riquezas da cultura humana. *A complexa relação com a palavra do outro, em todas as esferas da cultura e da atividade, impregna toda a vida do homem*¹⁹. A consciência humana extrai as palavras pessoais (percebidas como pessoais, segundo Bakhtin) do universo das palavras do outro. A individualização resulta desse processo de busca da palavra pessoal.

Nos projetos em questão, um dos objetivos é promover a singularização e a valorização do dizer de cada participante. Para isso, processos de produção de leitura e de escrita são orientados para se constituírem em eventos enunciativos durante os quais tanto o leitor quanto produtor do texto têm participação ativa. A compreensão do diálogo que ambos os processos instauram e a definição dos papéis neles envolvidos – *quem fala* (de que lugar social) e *a quem fala, com que intenção e de que contexto* – inserem o leitor e produtor na atividade verbal que se organiza em diferentes gêneros textuais, quer sejam orais ou escritos.

Segundo Bazerman²⁰, ao percebermos um enunciado como sendo de um certo tipo de gênero, engajamo-nos numa forma de vida, juntando falantes e ouvintes, escritores e leitores em relações mais familiares e compreensíveis. E, à

¹⁶ Benjamin, 1994: 213.

¹⁷ Bakhtin, 2000: 378.

¹⁸ 2000: 383.

¹⁹ 2000: p.284.

²⁰ Bazerman, 2006: 101.

medida que o domínio de determinados gêneros se amplia, crescem as possibilidades de participação e inserção social com implicações no processo de construção da identidade.

Identities and forms of life are constructed within social spaces in development, identified by communicative acts. [...] each person, through communication by genre, learns more about their personal needs, develops communicative skills and understands the world better as they communicate²¹.

A atuação efetiva num determinado grupo comunicativo, no entanto, nem sempre é um processo espontâneo. Muitas vezes exige encorajamento, porque assumir papéis, reconhecer-se e ser reconhecido neles, envolve intenções, estratégias, motivos, expectativas, sentimentos, julgamentos. Encontrar, dentro de um determinado grupo e entre tantas vozes, espaços e formas de dizer e conquistar o reconhecimento social desse dizer é construir gradualmente, num processo tenso que nunca se estabiliza, uma determinada identidade. A compreensão de que *para promover os interesses da cidadania, precisamos ficar de olho nas formas cambiantes de vida pelas quais a pólis continuamente fala e se inscreve na vida e pelas quais se tornam cidadãos através da fala e da escrita*²² tem se mostrado significativa na orientação de práticas de leitura e de escrita.

A título de considerações finais, convém reiterar que o objetivo primordial do trabalho que desenvolvemos é a formação continuada do leitor e do produtor de textos como condição primeira de inserção e de interação numa sociedade letrada. As atividades pressupõem a consideração dos participantes, sua instituição como sujeitos do seu dizer, seu *aqui* e seu *agora*, suas intenções, constituindo-se, na perspectiva teórica que comporta esse olhar em eventos enunciativos. Adotar essa compreensão no desenvolvimento de práticas de produção de leitura e de escrita significa valorizar o papel do leitor e do produtor de textos, fazendo-o perceber-se interlocutor e co-produtor nesses processos. Conseqüentemente, significa valorizar a leitura e o texto que resultam da sua experiência, dos seus conhecimentos de mundo, dos seus anseios e preocupações. Em síntese, significa valorizar a sua individualidade e a sua subjetividade. Nessa concepção, notadamente inscrita na lingüística da enunciação, a leitura e a produção de textos orais ou escritos passam a ser percebidas como processos intersubjetivos e, em conseqüência, de construção de identidades.

REFERÊNCIAS

²¹ Bazerman, 2006:106.

²² Bazerman, 2006: 129.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia, Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et.al. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Trad. Maria da G. Novak e Maria L. Neri. 4. ed. São Paulo: Pontes, 1995.

GOMES, N. T.; DIAS, P. H. et. al. (orgs.) *Viajando com a Leitura*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006.

GOMES, L. da S.; GOMES, N. M. T. (orgs). *Aprendizagem de Língua e Literatura: gêneros & vivências de linguagem*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2006.

LARROSA, Bondía José. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 19-29, jan./abr. 2002.